aurum
Revista Multidisciplinar

ISSN: 3085-7783

# SOBRE PESSOAS E LOBOS

## ABOUT PEOPLE AND WOLVES

https://doi.org/10.63330/armv1n2-004

Submetido em: 22/04/2025 e Publicado em: 24/04/2025

**Marta Simões Peres**
Doutorado
Universidade de Brasília
E-mail: martasimoesperes@ccmn.ufrj.br

**RESUMO**
Este ensaio sociológico propõe uma reflexão acerca de três momentos históricos - ontem, amanhã e hoje - do ponto de vista da relação entre as pessoas, o sentimento de medo, materializado na imagem dos lobos, e a construção do espaço em busca de segurança, tendo a noção de indivíduo e suas configurações subjetivas como fio condutor.

**Palavras-chave:** Lobos; Espaço; Indivíduo; História.

**ABSTRACT**
This sociological essay proposes a reflection on three historical moments - yesterday, tomorrow and today - from the point of view of the relationship between people, the feeling of fear, materialized in the image of the wolves, and the construction of space in search of security, with the notion of the individual and their subjective configurations as the guiding thread.

**Keywords:** Wolves; Space; Individual; History.

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 COMEÇO

Por onde começar? Ao redor, há uma miríade de dados de tons variados, o fim é só uma ilusória pausa no fluxo, e o começo não passa de uma abstração, ponto ‘T’ zero do segmento da infinita reta...

Eu estou aqui.

É deste ponto-cápsula que vejo todo o espaço-tempo em volta, e me surpreendo, me assusto, desejo, me regozijo, me calo e às vezes também falo, na tentativa-ensaio-e-erro de capturar por um átimo as sensações que me atravessam.

Meu corpo, este ser-músculo, estira-se tal qual rede de corda entre dois ganchos: numa parede, o aceitar com naturalidade este modo de viver como se não houvesse outro, enquanto na outra... que Susto! Como se estrangeira eu fosse, perplexa ante uma realidade... absurda? É pouco.

Hoje, eu e você circulamos por espaços de *shopping-centers* em que câmeras de vigilância avisam no tempo verbal imperativo: “Sorria, você está sendo filmado”. Mais adiante, uma parede de espelhos funciona como câmera ao avesso, e devolve a momentânea imagem do eu. Não sorrio. Murcho a barriga. Sigo.

Atraída pela vitrine, começo a saborear o livro ‘Os Lobos dentro das Paredes’, de Neil Gaiman, com exuberantes ilustrações de Dave McKean (Gaiman, 2020). Uma família - pai, mãe, filho e filha - vive numa bela casa com quintal. Lucy, a menina, diz que tem certeza absoluta de que os ruídos que ela ouve são de lobos que vivem dentro nas paredes. Embora não acreditem nela, quando perguntados o que aconteceria caso os lobos saíssem, os outros três respondem: “tudo estará acabado”. Que medo. Os lobos simbolizam este sentimento. Estão nos Três Porquinhos, na Chapeuzinho Vermelho, nos Sete Cabritinhos... Thomas Hobbes afirmou que o homem é o lobo do homem. Explica que por conta disso vem a imposição de assinar o social contrato: escapar de uma morte violenta. Curioso como o cachorro, seu parente, seja justamente o melhor amigo da espécie humana. Embora isso tudo fale muito sobre nós, sua transformação foi lenta e o tema aqui é outro.

As pessoas constroem e são construídas pelo espaço. Você tem medo de quê? Como a ação de defesa se materializa em parafernálias arquitetônicas e urbanísticas? Ao longo do processo histórico, modificam-se tanto equipamentos quanto configurações subjetivas. Os lobos migram, enquanto isso. Saem delas, voltam para as paredes, acampam no quintal, atacam a geladeira, deixam migalhas e restos de geleia espalhados pelo piso, tocam sax, podem vir a se transformar em ratos, já numa prospecção extracampo. Se nossa História se passasse na casa de Lucy, como poderia contá-la?

Vamos contar uma história de pessoas e lobos, arranjos espaciais e configurações subjetivas. Escolho o místico número três: Três momentos históricos. Seus respectivos símbolos. Antigamente, Modernidade e Atualidade. Ontem, Amanhã e Hoje.

Em Ontem, as personagens se movimentam em coro, fazem parte de um coletivo. No Amanhã, estreia – e protagoniza - o Indivíduo, as pessoas são apartadas umas das outras cada uma em seu quadrado ou envelope, o cerco se aperta. No Hoje, a pressão aumenta de maneira tão intensa, assim como sua correspondente resistência, que parece que a personagem vai explodir.

A seguir, cenas dos próximos capítulos...

## 1.2 ONTEM

*Once upon a time*. Como era antigamente? A ideia aqui é apresentar algo mais amplo que a Idade Média do Ocidente em específico. Mas ela oferece ótimas pistas. As sensações. Vamos chamar de Ontem. No livro "O Corpo na História", José Carlos Rodrigues demonstra que nossa atual configuração de sensibilidades não é a única possível, trazendo a historicidade dos contatos corporais, suportabilidade a odores, sabores, percepções auditiva, tátil e visual. Apesar das incontáveis guerras, ele considera a atitude da pessoa medieval relativamente estável comparada com o que veio depois. E nos alerta a tomar cuidado de não atribuir homogeneidade ao outro e evitar generalizações: a Idade Média abarca uma multiplicidade de regiões, povos, grupos, tempos. Refere-se ao período de aproximadamente dez séculos durante o qual o território europeu se fragmentou politicamente em inúmeros feudos enquanto unidades de subsistência (Rodrigues, 1999).

No meio de dois lados dotados de positividade, Antiguidade e Idades Moderna e Contemporânea, situa-se algo ambíguo e vago: 'medieval' chega a ser uma categoria de acusação. Uma 'armadilha preparada por nosso próprio etnocentrismo'? A Idade Média consistiria no 'outro' específico da civilização moderna e contemporânea. Esta parte recusada de nós se presta a contrastar e relativizar nossas próprias concepções e sensibilidades (Rodrigues, 1999. O apelido de 'Idade das Trevas' pode ser consequência da não adaptação de nossas pupilas à penumbra, deixando esmaecidas as fronteiras entre os objetos. Trata-se mais de nossa incapacidade de enxergar do que total falta de luz.

O milagre era a única maneira de se modificar a ordem das coisas numa cosmovisão que postulava a integridade absoluta do universo, de modo que imanente e transcendente eram imbricados. A Terra era considerada um ser vivo e o cosmos, uma unidade orgânica. Daí a impressão de amontoamento, como um modo de viver, que não necessariamente tem a ver com pobreza. O que atualmente se compreende como oposições apresentava-se como interpenetração e equivalência. As casas possuíam, em geral, somente um cômodo, onde convivia um grande número de pessoas e animais. Esses padrões culturais manifestavam-se na superposição das casas, nas ruas apinhadas, na utilização da mesma cama, do mesmo prato, do mesmo banco, por diversas pessoas. Os atuais cômodos e móveis especializados representam uma modificação de mentalidades posterior ao século XII, difundida lentamente pela sociedade e que pode hoje indicar um privilégio de classe. A invenção do vaso sanitário, a privada, no final do século XVI e a lenta absorção de

seu uso consistiu num aperfeiçoamento técnico fundamental para as sensibilidades. Prova disso é que o luxuoso Palácio de Versalhes, construído no século XVII, não possuía banheiros, muito menos privadas. Não se conhecia, aliás, o sentido da privacidade, enquanto os interesses próprios praticamente não eram separados dos comuns, de modo que o medievo pode ser compreendido em termos de proximidade, promiscuidade e multidão (Rodrigues, 1999).

Agrupamentos humanos dispersos eram separados por imensas extensões de território onde moravam os lobos. Dentro da casa, do feudo, ou do castelo, ainda havia um sentimento de pertencimento e segurança. Chapeuzinho Vermelho, não se desvie da estrada em atalhos desconhecidos! O lobo mau anda à espreita pelos bosques.

Passando como um trator, a modernidade viria a fragmentar o universo medieval, separando o que antes era unido: pessoas e animais, adultos e crianças, sãos e doentes, mortos e vivos, esferas pública e privada. A instauração da ciência moderna, com explicações lógicas e racionais, rompeu com aquela intimidade entre o terreno e o divino (Rodrigues, 1999. A Praça do Estado Nação é delimitada e os lobos serão dela apartados e presos em jaulas apropriadas.

## 1.3 AMANHÃ

Acabamos de vislumbrar matilhas de lobos soltas pela imensidão dos bosques, pontilhadas aqui e ali por feudos e castelos onde, em princípio, estamos salvos do perigo. Dentro, pertencimento. Uma vida coletiva. Fora, deserto. Que medo. Vamos imaginar a entrada em cena de um trator que arrasa morros, derruba árvores e ruelas à medida que passa, e finca a placa com nome do respectivo Estado Moderno. Seus limites são as linhas da fronteira, a imagem de uma gigantesca praça onde o Estado é soberano.

A modernidade consiste numa ‘série de mudanças materiais, sociais, intelectuais e políticas que tiveram o seu ponto de partida no final do século XVII e na órbita do século XVIII, na Europa, com a emergência e a difusão do Iluminismo e que acabaram por se misturar com a Revolução Industrial e com as transformações trazidas pelo capitalismo’ (Fridman, 2000). Se no Antigo Regime havia uma legislação definida para cada um dos três Estados – clero, nobreza e povo – esta estratificação foi substituída por normas aplicadas de maneira isonômica a todos os indivíduos.

Dumont, que classificou as sociedades em holistas e individualistas, sendo as últimas, as modernas, e as primeiras, todas as demais, tradicionais, afirmou que “a nação é o reino do indivíduo como valor”, ou seja, uma sociedade composta por pessoas que se consideram indivíduos (Dumont, 2000). As personagens se delineiam, não estamos mais no coro coletivo, e não há como escapar, com o advento do indivíduo e suas respectivas atribuições, ou se tem direito do cidadão, ou a punição ao marginal. À margem. À parte. Grades separam a praça da margem. Lá , os lobos são trancafiados.

Com o advento do indivíduo, desfeito o coro, definidas as personagens, quem pilota o trator é o sujeito empreendedor. Figura heroica do capitalismo, símbolo de poder e coragem, destruidor criativo *par excellence*, ele leva ao extremo as consequências da inovação técnica e social (Harvey, 2003). Inova, porque não se contenta com o Hoje, muito menos com o Ontem, pois o velho deve ser jogado todo fora, vivemos no Amanhã, e a insatisfação é seu instinto básico. O trator passa o rodo, e "tudo o que é sólido desmancha no ar", observaram Karl Marx e Friedrich Engels no Manifesto do Partido Comunista em 1848. Marshall Berman usou a frase deles no título de um livro em que descreve a sociedade moderna como um interminável canteiro de obras. ). Não parar nunca, não parar de mudar, afinal, não ficaremos nunca satisfeitos! *'I can get no satisfaction, but I try, but I try, but I try...*', cantaram os Rolling Stones nos idos 1965 e a canção nunca mais parou de tocar nas festas.

A intervenção e o domínio sobre a natureza, uma atitude que Berman compreende como fáustica, reside no âmago do projeto moderno (Berman, 1987). Recordemos que, no mito, Fausto é um brilhante cientista que fez um pacto com Mefisto. A instauração da ciência moderna, com explicações lógicas e racionais, rompeu com aquela intimidade entre o terreno e o divino de Ontem. Não por acaso, a ideia de moderno confunde-se com caos. O surgimento da Sociologia está imbuído da reflexão acerca da nova fase que se inaugurava e de seu estranhamento diante dela por seus fundadores – Marx, Durkheim e Weber (Quintaneiro,2002). Atônitos à passagem do trator, se coloca a indagação acerca de 'como poderia um novo mundo ser criado sem que se destrua boa parte do que viera antes' ou 'como fritar um ovo sem quebrá-lo' (Harvey, 2003).

Voltando às mudanças nas categorias de estratificação, o individualismo retirou do nascimento o caráter decisivo como critério na hierarquia social, de maneira que 'a cada um é imposta a necessidade de definir sua posição e elaborar as imagens de si', gerando insatisfação e novos sofrimentos íntimos, à medida que passa a ser atribuída ao indivíduo a responsabilidade por seu sucesso ou fracasso (Corbin,1995). Este sentimento aparentemente óbvio é expresso nas palavras com que nos apresentamos: meu nome é Fulano, sou da Universidade Tal. Norbert Elias afirmou que o tipo de autoconsciência que traz consigo a noção de um 'interior separado do mundo externo como que por um muro' corresponde a uma estrutura psicológica peculiar, estabelecida 'em certos estágios do processo civilizador' (Elias, 1994). A palavra alemã para eu *(ich*) apareceu quando os membros da aristocracia, por volta de 1500, tornaram-se conscientes deles mesmos como indivíduos separados da comunidade (Dale, 1997).

Concomitantemente, o uso do espelho foi sendo difundido. Esta sou eu. Este é você. Confira antes de sair de casa. Está apresentável? É estabelecido o sistema de nomes e registro geral – RG -, que tem a carteira de identidade como modelo. 'O sentimento de identidade individual se acentuou e se difundiu' (Corbin, 1995). Ontem, não era inverossímil a saga de Jean Valjean, protagonista de 'Os Miseráveis' de

Victor Hugo, ao falsear a identidade a fim de escapar de uma sanção penal, pois, ‘por volta de 1880, o indivíduo astucioso podia mudar de pele a seu bel-prazer’ (Corbin, 1995).

Grandes avenidas são abertas no rastro do trator para a circulação de anônimos. O planificado traçado da cidade moderna obedece a parâmetros racionais. Uma nova demarcação reforma os espaços da agricultura, mobiliário, arquitetura e urbanismo. Uma nova percepção isola o sujeito do mundo a seu redor e afasta as pessoas umas das outras, por meio do fortalecimento das fronteiras da privacidade no interior do invólucro corporal pessoal. Além da fratura entre locais de trabalho e de relações familiares, especialização dos cômodos das residências, pode-se falar ‘da separação dos corpos entre si, do afastamento entre os homens e seus próprios corpos’ (Rodrigues, 1999). Enquanto no espaço o fenômeno do cercamento dos campos favorece a Revolução Industrial, na esfera subjetiva, em cada pessoa, o cerco se aperta.

O asfalto reveste a estrada de chão, paredes e muros são revestidos, as fendas e interstícios são fechados com rebocos, a fim de proteger os seres humanos de arriscados contágios naturais. Depois de Pasteur, esta lógica seria redobrada e aplicada aos corpos portadores de micróbios, os pobres. O medo e o nojo leva à condução dos miseráveis, mendigos, doentes e loucos para lugares adequados. ‘Doravante, evocar a limpeza será fundamentalmente opor-se às negligências populares, aos fedores orgânicos, às promiscuidades descontroladas’ (Rodrigues, 1999).

Enquanto no século XVII, a presença física do rei era imprescindível para o funcionamento da monarquia, no decorrer do século XIX, enquanto preocupação do Estado, é o corpo da sociedade, princípio básico da República, que deve ser preservado. São aplicadas receitas assépticas terapêuticas, tais como “a eliminação dos doentes, o controle dos contagiosos, a exclusão dos delinquentes” (FOUCAULT, 1985).

Recordando que feudo e fidelidade possuem mesmas raízes etimológicas, as relações locais de troca de fidelidade por proteção dão lugar ao conceito de cidadania, estendido a ‘todos’ - com as definidas exceções. É preciso separar o joio do trigo, cidadãos de bem dos marginais. Atravessando os muros e as pontes levadiças, trancando as pesadas portas, Ontem, alcançava-se, são e salvo, o alívio da proteção da coletividade. Neste Amanhã, o espaço é amplo, a Praça é do Povo. A ambição é pelo Total, não há mais perigo fora, nem lado de fora, portanto, não é o caso de nos trancarmos dentro de castelo ou algo análogo, mas sim de expulsar os lobos indesejáveis e passar o cadeado na tranca das jaulas. Com a centralização do poder político sob a forma do Estado-Nação, soberano de vasta porção territorial, os lobos são retirados. Separados incluídos e excluídos pelas grades, aos primeiros resta o sonho feliz da cidade livre e segura.

Promessas iluministas ofereceram uma vida melhor para a humanidade, com base na razão e na ciência, o fim da miséria, com elementos incômodos pseudocientificamente determinados apartados nas celas. Contudo, ao invés do espaço das liberdades, o território cercado por grades se expandiu tanto que engoliu a cidade.

Como na ressaca do dia seguinte, com a maquiagem borrada escorrendo pelo rosto, a tinta da fachada dos edifícios está descascada, e a cidade moderna... ficou velha! Brasília/DF.

Ao invés de mais praças, agora todas elas cercadas por grades e trancadas a cadeado, proliferaram as praças de alimentação dos *shoppings*. Subindo as escadas rolantes, chegamos aos 'não-lugares', onde os lobos estão entre nós, estão por toda parte. Começamos a desconfiar de nós mesmos. Sorria! Ou, simplesmente, murche a barriga.

## 1.4 HOJE

> 'Antes de pegar o seu carro, Pierre Dupont tirou dinheiro no caixa eletrônico. Pierre Dupont digitou as teclas que compuseram 1.800. A máquina solicitou-lhe um minuto de paciência e depois liberou a quantia combinada lembrando-o de pegar o cartão. 'Obrigada e volte sempre' [...] Estacionou no 2. subsolo (ala J), guardou cartão de estacionamento na carteira e dirigiu-se aos balcões de embarque.' (Augé, 2003).

O conceito de Estado-Nação não mais dá conta das transformações do mundo onde fronteiras econômicas e culturais tornam-se cada vez mais permeáveis. Os canteiros de obras dão lugar a espelhados e gigantescos castelos em cujo microcosmo se é capaz de satisfazer todas as necessidades. A insatisfação permanece, mas se modifica.

Aeroportos, hipermercados, *shopping centers*, condomínios fechados de luxo, beiram rodovias de alta velocidade. Para entrar, é necessário passar por guaritas, portões eletrônicos, escassos e fantasmagóricos funcionários de uniforme da empresa terceirizada. Produtora de não-lugares, a super-modernidade é caracterizada por um tipo de superabundância em que o excesso de espaço constitui-se, paradoxalmente, pelo encolhimento do mundo. Os não-lugares são produzidos em meio à concentração urbana e à alteração da escala, em termos planetários, da circulação de pessoas e bens. Sua principal característica é de 'propriedades privadas, para uso coletivo, que enfatizam o valor do que é privado e restrito, ao mesmo tempo que desvalorizam o que é público e aberto na cidade' (Augé, 2003). Seja bem vindo ao Hoje. Obrigado. Boas Compras. Volte Sempre!

Espaços de passagem, baseados no mesmo conceito arquitetônico, aos não-lugares falta alguma coisa que não sei explicar. Compartilham uma impessoalidade reluzente, pés direitos gigantescos, vidros espelhados, grandes tubos aparentes de climatização do ar suspensos no teto, o ar-condicionado para gerar a 'climatização geral da vida' e a 'primavera perpétua' (Baudrillard, 1975), pisos assépticos, funcionários uniformizados, eventualmente calçando patins, roletas eletrônicas, câmeras, câmeras e mais câmeras de segurança, acompanhadas do aviso: 'Sorria, você está sendo filmado'.

O enunciado é dirigido a ‘você’, o que remete ao indivíduo, aquele tipo de percepção que se confunde com o projeto da modernidade. Mas agora o cerco se aperta tanto vira uma camisa-de-força, e o sufoco ensaia o irromper num colapso, será a tal crise do sujeito moderno?

O tal sujeito-consumidor-usuário do não-lugar, ao partilhar a identidade dos passageiros, motoristas, clientes desconhecidos, mantém uma relação baseada em contrato, cuja comprovação de não-inadimplência é solicitada a cada passagem aberta com seu cartão magnético. Sempre obrigado a provar sua inocência’ (Augé, 2003), exibe seu cartão, carteira de sócio, placa do carro, senha, imagem fotográfica ou as digitais em aparato fotoelétrico. Sob inédito padrão de segregação espacial e de interações entre pessoas, conjuntos de escritórios, shopping centers, condomínios, escolas, hospitais, academias, centros de lazer e parques temáticos, vêm se adaptando ao modelo. Em contraste com formas anteriores de empreendimentos, eles pertencem, não a seus arredores imediatos, mas a redes invisíveis (Caldeira, 2000).

Citando ‘Estorvo’, romance de Chico Buarque de 1990, Caldeira demonstra que uma visita banal implica em lidar com guardas particulares, identificação, classificação, intercomunicadores, portões eletrônicos, cachorros e muitas suspeitas, aumentadas quando se ‘anda a pé’, pois condomínios fechados são lugares para chegar por meio de automóvel, exceto pelos empregados, que devem ser mantidos sob controle e comumente são encaminhados para a famosa entrada de serviço:

> “O vigia na guarita fortificada é novo no serviço, e tem a obrigação de me barrar no condomínio. Pergunta meu nome e destino, observando os meus sapatos. Interfona para a casa 16 e diz que há um cidadão dizendo que é irmão da dona da casa. [...] A casa 16, no final do condomínio, tem outro interfone, outro portão eletrônico e dois seguranças armados’ (Caldeira, 2000)”.

Esse tipo de moradia das classes altas são denominados enclaves fortificados. Eles resultam de “uma cultura do medo que faz com que a classe média se trancafie em condomínios murados e deixe de reconhecer o ‘outro’, o pobre, como pessoa portadora de direitos’, num enclausuramento que ‘compromete cada vez mais o convívio (...) entre pessoas de diferentes mundos sociais (CRUZ, 2003, p. 152)”.

É curioso, pois os enclaves remetem aos (relativamente) seguros castelos do Ontem. Entretanto, embora lá vigorasse o pertencimento e a penumbra, aqui, Hoje, uma claridade elétrica perpétua ofusca a vista, enquanto as fronteiras entre dentro e fora não são mais tão nítidas

Seja bem vinda ao Hoje. Obrigado. Boas Compras. Volte Sempre! Parece que já ouvi isto antes. O Hoje se repete bastante. Multiplica-se. Exponencia-se. Sim, o Hoje se repete bastante. Multiplica-se. Exponencia-se. O Hoje se repete bastante. Fica cada vez menor o intervalo de tempo entre cada toque do batuque da britadeira do canteiro das obras que, pelo visto, não vão ser concluídas nunca.

Obrigado. Volte Sempre. Fique à vontade. Mas... Estou confusa. Parece castelo. De novo o deserto? Estamos no Hoje ou no Ontem? Fora destes domínios, o perigo do total desolamento. Dentro, tudo vigiado, também há perigo, pois, se não houvesse, para quê tanta câmera de vigilância? Teriam os lobos se espalhado

por toda parte? Seja bem vindo ao Hoje. Obrigado. Boas Compras. Volte Sempre! Parece que já ouvi isto antes. O Hoje se repete bastante. Multiplica-se. Exponencia-se.

De vez em quando os lobos dão um bote e devoram alguém. O ritual é filmado e depois assistimos no Jornal da Tevê. Um segurança, coitado, morreu em serviço. O gerente foi entrevistado e já se comprometeu a inovar seus mecanismos de proteção aos proliferantes ao infinito lobos. Eles são muitos, sim, mas a tecnologia é de ponta. Ele dá garantia de que isso não vai se repetir.

## 2 CONSIDERAÇÕES ATUAIS

Se o invólucro pessoal foi instaurado no Amanhã, suas fronteiras foram ainda mais reforçadas Hoje. Bauman afirma a única coisa que a companhia de outros sofredores tem a oferecer no enfrentamento de problemas pessoais é a garantia que enfrentá-los sozinhos é o que fazem diariamente'. (Bauman, 2003). Seja Bem vinda. Obrigado. Boas Compras. Volte sempre. Atenção, passa logo, pois a cancela da guarita desce em frações de segundo.

Riscos e contradições continuam a ser socialmente produzidos, mas o dever e a necessidade de enfrentá-los passaram a ser individualizados. Se alguém fica doente, supõe-se que foi porque não foi suficientemente decidido para seguir seus tratamentos, ou, se está desempregado, é porque não se sai bem na entrevista (Beck, 2003).

A claridade é estonteante e tal como máquinas, vive-se sob *stand by*, os equipamentos sempre alerta, vigilantes. As câmeras de vigilância dão uma frágil sensação de segurança, pois gravam as imagens dos lobos dando o bote, enquanto na luta contra os perigos internos, "se cuida, hein", toda uma parafernália médica de prevenção e exames simula câmeras voltadas para dentro do corpo.

> ## A luta contra o medo conjuga elementos inéditos com o resgate amplificado de outros velhos. Ao invés de minguarem, as jaulas se expandiram e engoliram o sonho de liberdade. Não foi a Praça que cresceu, mas sim, a praça de alimentação do *shopping*. Novos castelos, entre grandes espaços vazios desprotegidos, abrigam uma multidão de indivíduo que realizam ao mesmo tempo sozinhos e em companhia de desconhecidos, atividades semelhantes - comer, comprar, ver um filme, malhar. Proliferados exponencialmente, os lobos continuam a viver na amplidão do deserto onde nunca haverá câmeras suficientes, mas também dentro do não-lugar pois, caso contrário, se não fossem capazes de nele entrar, para quê câmeras?
>
> Ao contrário de desaparecerem, se avizinham cada vez mais perto, brotam de nossos corpos, passamos a desconfiar de nós mesmos, vigiando o perigo permanentemente, tanto no espaço praticado quanto dentro de nossos corpos: comportamentos celulares suspeitos, excessos, inadequações, pequenas manchas, pregas adiposas, rugas inesperadas...
>
> Ante a carência de Praças e o excesso de alimentação, é preciso encontrar um lugar seguro para queimar calorias.

## REFERÊNCIAS


AUGÉ, Marc. Não-lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP. Papirus, 1999.

BAUDRILLARD, Jean. A Sociedade de Consumo. Lisboa: Edições 70, 1975.

BAUMAN, Zigmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1987.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de Muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Editora, 2000.

CORBIN, Alain. História da Vida Privada. Da Revolução Francesa à Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CRUZ, Natália Mori. Decifra-me ou Te Devoro! O Caos Urbano nas Cidades Contemporâneas – O Caso de Brasília. *Dissertação* (Mestrado em Sociologia) - Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília. 2003.

DALE, Karen. Identity in a culture of dissection: body, self and knowledge. In*:* _____HETHERINGTON, Kevin. MUNRO, Rolland. Ideas of Difference. Social Spaces and the Labour of Division. Oxford: Blackwell Publishers, 1997. V, p. 94-113.

DUBY, Georges. História da Vida Privada. Da Revolução Francesa à Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DUMONT, Louis. O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Petrópolis: Vozes, 1986.

FRIDMAN, Luis Carlos. Vertigens Pós-Modernas. Configuraçoes Institucionais Contemporâneas. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

GAIMAN, Neil. Os Lobos Dentro das Paredes. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

HARVEY, David. Condição Pós-Moderna. São Paulo: Loyola, 2003.

HUGO, Victor. Os Miseráveis. São Paulo: Martin Claret, 2007.

PERES, Marta Simões. Corpos em Obras: Um olhar sobre as práticas corporais em Brasília. 2005. 347 folhas. Tese (Doutorado em Sociologia) - Departamento de Sociologia. Universidade de Brasília. Brasilia, 2005.

QUINTANEIRO, Tânia Maria, Um toque de clássicos. Durkheim, Marx e Weber. Belo Horizonte: UFMG, 1995.

RODRIGUES, José Carlos. O Corpo na História. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

SATISFACTION. Intérprete: Rolling Stones. Compositores: Rolling Stones. In: OUT OF OUR HANDS: s. n. 1965.